

**É FANTÁSTICO: EX-GAY NÃO EXISTE! SERÁ?
AS REPRESENTAÇÕES DA HOMOSSEXUALIDADE NO JORNALISMO DO FANTÁSTICO**

Marcia Veiga¹

Resumo: Neste artigo discuto algumas representações sociais sobre a homossexualidade através da análise da reportagem *É possível deixar de ser homossexual?*, exibida no programa *Fantástico*, da *Rede Globo*, no dia 4 de janeiro de 2009. Sendo o jornalismo um campo de produção de sentidos e construção de “realidades” sociais, acredito ser importante refletir sobre temas contemporâneos, em especial sobre os comportamentos humanos, área em que o jornalismo vem habitualmente atuando de forma “didática”. Interessa-me compreender em que medida as concepções hegemônicas de gênero e sexualidade acabam por permear os discursos jornalísticos e contribuir na produção de representações que mantenham entendimentos e visões de mundo essencializantes e resultem na manutenção de um padrão hierárquico e excludente.

Palavras-chave: Representações Sociais – Jornalismo – Homossexualidade

Abstract: In this article I discuss some social representations about homosexuality through the analysis of the feature story *Is it possible to quit being a homosexual?*, presented in the program *Fantástico*, of *Rede Globo*, on January 4th 2009. Being journalism a field of production of senses and construction of social “realities”, I believe it is important to reflect about contemporary subjects, in special about human behavior, topic in which journalism has been constantly acting in a didactic manner. I am interested in comprehending to what extent the hegemonic conceptions of gender and sexuality end up permeating journalistic discourses and contributing to the production of representations that sustain essential world’s views and understandings and result in a excluding and hierarchic pattern.

Key-words: Social Representations – Journalism – Homosexuality

1. Introdução

Há muito os temas em discussão nas telenovelas, em especial aqueles que versam sobre comportamentos, acabam resultando em reportagens jornalísticas. Um dos exemplos mais atuais vem da novela *A Favorita*, da *Rede Globo*. A presença da homossexualidade masculina e feminina em dois de seus núcleos forneceu ao jornalismo material para debate. Através disso podemos perceber algumas representações sociais hegemônicas de gênero e

¹ Jornalista, Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Bolsista CAPES/SPM-PR. Trabalho produzido com apoio da CAPES, instituição de incentivo à Pesquisa e Formação de recursos humanos nas ciências do Governo Brasileiro. Agradeço também às contribuições do jornalista Angelo Adami, fundamentais no processo de construção, edição e revisão deste texto.

sexualidade que cercam o tema não só em nossa sociedade, mas fundamentalmente no campo do jornalismo.

A mais instigante das discussões aconteceu por conta do personagem Orlandinho, interpretado pelo ator Iran Malfitano. No início do folhetim, ele foi apresentado como heterossexual, com atributos tipicamente entendidos como masculinos; no meio da trama se entende homossexual e, já na reta final, se diz em dúvida quanto a sua identidade, dando indícios de que voltaria à identidade heterossexual, entre outras coisas, por se sentir irresistivelmente atraído por outras mulheres. O personagem trouxe à tona uma antiga polêmica: existiria ex-gay? A questão de fundo que se coloca é: seria possível haver transformações da identidade sexual ou esta se definiria de forma estanque (hetero ou homossexualidade), e assim persistiria ao longo da vida dos indivíduos? Acompanhando a polêmica e audiência da novela, o jornalismo embarcou na discussão.

Neste artigo discuto uma das representações da homossexualidade no jornalismo a partir da matéria *É possível deixar de ser homossexual?*, exibida no programa *Fantástico*, da *Rede Globo*, no dia 4 de janeiro de 2009. Interessa-me saber que elementos utilizados demonstram a existência de uma representação social dominante de identidades sexuais fixas, nesse caso a identidade homossexual, sugerida pela pergunta que nomina a reportagem.

Sendo o jornalismo um campo de produção de sentidos e construção de “realidades” sociais, acredito ser importante refletir sobre em que medida as concepções hegemônicas de gênero e sexualidade acabam por permear os discursos jornalísticos, contribuindo para a produção de representações baseadas em entendimentos e visões de mundo essencializantes e que resultem na manutenção de um padrão hierárquico e excludente. O debate que proponho se fundamenta em teorias das Representações Sociais, nos Estudos Culturais, Estudos Feministas pós-estruturalistas, na Teoria Queer e nas Teorias Construcionistas do Jornalismo. A partir destes campos discuto as representações sociais da homossexualidade à luz dos conceitos de gênero, heteronormatividade e pós-identidade.

2. A construção social da (homo)sexualidade

Contemporaneamente a homossexualidade tem gozado de maior visibilidade e “aceitação” na sociedade brasileira. Tal transformação na cultura brasileira (e ocidental, de uma forma geral), ainda que não completa, contribui para a diminuição do estigma de indivíduos e deste grupo social, resultando em conquistas importantes no campo político, social e cultural. Mas estamos ainda longe da homossexualidade ser percebida e respeitada

como algo que não seja atrelado à sua construção ao longo do tempo - desvio, pecado, anormalidade e até mesmo patologia. Mais do que isso, está inserida numa perspectiva que lhe confere um status de identidade fixa, imutável.

Para refletir sobre a homossexualidade e algumas de suas representações, em especial as reproduzidas pela mídia, trago como ponto de partida o campo da cultura, entendida como um conjunto de normas e valores socialmente produzidos e partilhados, bem como “um campo de luta e contestação em que se produzem sentidos múltiplos” (MEYER, 2003:170). Entendo a homossexualidade como uma construção social e fundamentada em valores e atributos de gênero e sexualidade predominantes. Para pensar a sexualidade, apóio-me nas teorias construtivistas, que consideram que cada sociedade possui um sistema de atribuição de valores aos diferentes sujeitos e práticas sexuais, revelando que estas relações não são inatas, mas sim construídas.

Esta filiação teórica é antagônica aos conceitos e campos científicos que majoritariamente informam a produção do conhecimento, em especial sobre comportamentos sociais, nas sociedades ocidentais. No que tange à sexualidade e às relações de gênero, os discursos legitimados são fundamentados em concepções essencializantes e universalistas de compreensão dos indivíduos e seus comportamentos, e dessa forma vêm formando a normatividade² que rege as relações e incidindo nos valores circulantes.

A normatização das sociedades está vinculada à cultura, àquilo que se constitui ao longo dos tempos como válido ou não, certo ou errado. Estes valores estão em permanente transformação, mas também se fundam e se mantêm pelo *status quo*. No caso das sociedades ocidentais, grande parte dos valores constituídos acerca da sexualidade tem origem em questões religiosas e psicobiomédicas. São os representantes destas instituições que até hoje produzem discursos “legítimos” sobre a sexualidade. A partir destas concepções, a homossexualidade foi historicamente construída como anormalidade, desvio e até mesmo doença. Essa construção está engendrada na conformação social do padrão normativo ocidental – padrão heteronormativo – que parte do pressuposto da heterossexualidade compulsória (BUTTLER, 2003a) e cujos padrões de gênero e sexualidade resultam na hierarquização de atributos e papéis relacionados ao feminino e ao masculino.

A partir do conceito de heteronormatividade podemos compreender o estranhamento e o juízo de valor formado em relação às práticas e identidades sexuais diferentes do previsto como legítimo na norma. Mais do que isso, tal padrão costuma entender que os indivíduos

² Normatividade aqui é entendida como o padrão que, baseado em um conjunto de valores socioculturais historicamente construídos, normatiza os comportamentos e relações sociais.

são constituídos por identidades fixas, imutáveis. Parte-se do pressuposto de que todos nascem heterossexuais e assim deverão “normalmente” ser até o fim de suas vidas; que o sexo biológico orienta os atributos de gênero, e o desejo ou práticas sexuais “naturalmente” derivam da conjunção destes fatores. Se algo ocorrer fora disso, então, teremos seres “desviantes” e, por si só, estes “desvios” acabam resultando em desigualdades.

O conceito de gênero “como uma categoria epistemológica, tomado como um princípio fundante e constitutivo do social impregnado pelo conceito de poder” (BONETTI, 2008) é o primeiro passo para entender de que forma as relações de poder acabam produzindo condições de desigualdades. Essa perspectiva permite compreender os processos que histórica e culturalmente diferenciam homens e mulheres, homens entre si e mulheres entre si e produzem discriminações, tais como o machismo, o sexismo, a homofobia, etc., articuladas a outros marcadores sociais, fundadas nas desigualdades produzidas entre eles. Tais discriminações são resultado de um fenômeno social complexo que se fundamenta no universo de valores que conforma nossa sociedade, atributos hegemônicos que podem ser situados como masculinos, brancos, heterossexuais e classe média. Esses atributos, tomados como o parâmetro do “normal”, constituem uma hierarquia social excludente que tem no topo o padrão masculino hegemônico acima mencionado e na base atributos que remetem ao que se pode chamar genericamente de minorias sociais e sexuais (mulheres, gays, lésbicas, negros, pobres, etc).

As abordagens mais amplas do conceito de gênero “nos levam a considerar que as próprias instituições, os símbolos, as normas, os conhecimentos [...] de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino e, ao mesmo tempo, produzem e/ou ressignificam essas representações” (SCOTT, 1995³; LOURO, 1997⁴; MEYER, 2000b⁵ apud MEYER, 2003:16). Há, nessa perspectiva, uma proposta de “indagação de como (e por que) determinadas características (físicas, psicológicas, sociais, etc) são tomadas como definidoras de diferenças” (LOURO, 2003:46). A perspectiva feminista pós-estruturalista “privilegia a discussão de gênero a partir de – ou com base em – abordagens que enfocam a centralidade da linguagem (entendida em sentido amplo) como *locus* de produção das relações que a cultura estabelece entre corpo, sujeito,

³ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade, vol. 20, n.2, jul-dez. Porto Alegre [s.e], 1995.

⁴ LOURO, Guacira. Gênero, sexualidade e educação: uma abordagem pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

⁵ MEYER, Dagmar. As mamas como instituintes da maternidade: uma história do passado? Revista Educação e Realidade, vol.25, n.2, jul-dez., p. 117-134 [s.n.t], 2000.

conhecimento e poder” (MEYER, 2003:16), e nesse *locus* destaca-se o papel dos meios de comunicação nas produções de sentidos nas sociedades.

As teorias pós-estruturalistas também são reconhecidas como “uma política pós-identitária: o foco sai das identidades para a cultura, para as estruturas lingüísticas e discursivas e para seus contextos institucionais” (LOURO, 2004:60). Nesse sentido, “a homossexualidade é analisada como uma parte de um regime de poder/saber (mais do que uma identidade social minoritária)” (LOURO, 2004:59).

Para além das identidades binárias de gênero (homem/mulher) e sexualidade (hetero/homossexual), as teorias pós-estruturalistas, em especial a Teoria Queer, incluem outras formas de viver a sexualidade. Dão luz a concepções que entendem que “[...] o processo de se fazer como sujeito pode ser experimentado com intensidade e prazer. Fazem pensar além dos limites conhecidos, para além dos limites pensáveis” (LOURO, 2004:23); explodem a noção do inato e estanque que norteia outras formas de pensar os sujeitos hetero ou homossexuais. Compreendem o caráter fluído e nunca acabado das identidades, não havendo, portanto, ponto de partida ou de chegada. Louro (2004:24) nos dá um pouco desta dimensão conceitual:

Como viajantes da pós-modernidade, aqueles e aquelas que experimentam a proliferação dos gêneros e das sexualidades podem representar esse impulso para o movimento. [...] Seus modos talvez sejam irreconhecíveis, transgressivos, distintos do padrão que se conhece. Seu lugar transitório nem sempre é confortável. Mas esse pode ser também, em alguma medida, um lugar privilegiado que lhe permite ver (e incita outros a ver), de modo inédito, arranjos, práticas e destinos sociais aparentemente universais, estáveis e indiscutíveis. Não se trata, pois, de tomar sua figura como exemplo ou modelo, mas de entendê-la como desestabilizadora de certezas e provocadora de novas percepções.

É a partir desta compreensão da complexidade, movimento, fluidez e até mesmo contradição dos comportamentos humanos que me filio às correntes pós-identitárias e questiono as representações sociais da homossexualidade exibidas na reportagem do *Fantástico*.

3. A representação social da homossexualidade como uma identidade fixa: o caso Orlandinho no *Fantástico*

Analisando as formas de “existência” pública e a maior visibilidade social da homossexualidade, percebo uma de suas formas de representação no sentido de uma identidade fixa, estanque, tomada como um “desvio” da norma. Entendo que este status da

identidade homossexual norteia a reportagem *É possível deixar de ser homossexual?* exibida no programa *Fantástico*, da *Rede Globo*.

As correntes de produção do conhecimento de viés essencialista que ao longo do tempo legitimaram seus discursos como verdades capazes de dizer sobre o certo e o errado nas sociedades ocidentais foram (e são) fundamentais para a construção dos padrões que hoje norteiam os comportamentos. Estas vertentes do pensamento têm incidido na cultura e nos significados, linguagens, representações e saberes circulantes. O conceito de representações sociais de Jodelet pode ajudar nessa compreensão: “A representação social é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada tendo um objetivo prático e concorrendo à construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 1991:43⁶ apud SOBRINHO, 2000:119).

Os meios de comunicação, uma das formas contemporâneas mais ativas de circulação das representações sociais, apóiam-se nestes discursos “legítimos” para explicar os comportamentos humanos, resultando num campo profícuo de produção e reprodução das representações sociais. O caráter de movimento e transformação das representações com a participação da mídia, principal lugar da reprodução e transformação de discursos e disputas de significados, é trazido por França (2004:23):

A comunicação é esse processo em que as imagens, representações são produzidas, trocadas, atualizadas no bojo das relações; esse processo em que sujeitos interlocutores produzem, se apropriam e atualizam permanentemente os sentidos que moldam seu mundo e, em última instância, o próprio mundo.

Partícipe fundamental dos meios de comunicação, o jornalismo se destaca como um dos grandes produtores de sentido da contemporaneidade. As notícias, entendidas como uma construção social da realidade (TRAQUINA, 2001), são aqui postas como um dos lugares de produção e circulação das representações sociais. Interessa-me perceber nos discursos jornalísticos suas intersecções com cultura e, em última instância, com padrões que resultam em desigualdades.

A partir do caso do personagem Orladinho, da novela *A Favorita*, reflito sobre as imbricações do jornalismo com a cultura em que estamos inseridos, e desse modo intento perceber as transformações e reificações das normas de comportamento socialmente construídas e partilhadas. É sobre algumas das representações da homossexualidade presentes na reportagem do programa *Fantástico* que oriento minhas considerações.

⁶ JODELET, D. *Lês representations sociales: un domaine em expansion*. In: JODELET, D. (Org.) *Les representations sociales*. Paris : PUF, 1991.

Inicialmente, destaco uma das representações sociais da homossexualidade mais presentes em nossa cultura: o desvio/anormalidade/doença. A construção da matéria jornalística traz alguns elementos que demonstram essa visão. Já na chamada, e em outra referência ao assunto, percebe-se o uso de uma linguagem que remete às ciências psicobimédicas: o apresentador Zeca Camargo se refere à homossexualidade como “homossexualismo” (termo cujo sufixo “ismo” indica a origem científica associada à doença, e que como tal foi originado na psicologia e medicina).

Esse viés também fica claro pelo uso das fontes: uma psicanalista, um pastor religioso e um padre católico. A psicanalista rechaça a possibilidade de que se queira impor a transformação de um homossexual em heterossexual. Ela afirma: “a homossexualidade não é uma doença, e acho que todos deveriam encarar com normalidade”. Este posicionamento tenta marcar a diferenciação dos entendimentos da fonte quanto às representações hegemônicas associadas à anormalidade e à patologia. No entanto, deixa claro o entendimento de que a homossexualidade é algo estanque.

Já os demais representantes, do campo da religião, afirmam a desconformidade desta identidade com a norma e com a moral social e religiosa e afirmam a necessidade de se incidir para que tal orientação seja revertida. A matéria traz imagens do Papa Bento XVI com um “off”⁷ do apresentador dizendo que a Igreja Católica não entende que o “homossexualismo” deva ser tratado de forma “normal”; ao contrário, “o Papa Bento XVI comparou o combate ao homossexualismo ao esforço para a proteção das florestas e que, segundo ele, são duas coisas importantes do século XXI”. Um representante da Igreja Batista, também chamado a se posicionar, afirmou: “o homossexual é objeto do amor de Deus e através do amor de Deus precisamos trabalhar para que ele [o homossexual] volte a ser aquilo que originalmente o homem foi criado, né, para ser heterossexual.” Nestas falas pode-se perceber o princípio da heterossexualidade compulsória que orienta nossa sociedade e encontra na religião um de seus representantes mais presentes na mídia.

O uso de fontes da matéria ilustra bem a presença de discursos social e historicamente legitimados como detentores do saber em nossa sociedade. Essas fontes ressaltam o viés essencialista ao qual me referi anteriormente, bem como as bases da heterossexualidade compulsória como norma.

Histórias de vida foram postas na discussão, indicando a heteronormatividade e valores hegemônicos de sexualidade presentes em nossa cultura. Destaco uma delas, que

⁷ No jargão jornalístico, o off é uma locução sonora coberta por imagens distintas do locutor.

trouxe a experiência de um homem que se disse no “desvio” da homossexualidade durante muitos anos e que, a partir da religião, foi trazido de volta “ao normal”, voltou a sua condição “natural” de heterossexual. Ele associa sua condição de homossexual a um abuso sexual sofrido por ele na infância, e diz que a superação deste trauma (que inclui também sua condição anterior de homossexual) se deu através da ajuda da Igreja e da família, fundamentais para que passasse a ser heterossexual.

A questão de fundo que norteia esta reportagem é justamente o caráter estanque da opção por “ser gay”. Isso se reflete também nas respostas do público ouvido nas ruas. Respostas do tipo “nunca ouvi falar em ex-gay” foram unânimes, como algumas que destaco aqui: “é muito complicado esse negócio de deixar de ser gay”; “isso já vem de criança, não é uma questão de opção”; “não tem como mudar, não adianta”. Nas respostas (es)colhidas do público e no uso de fontes, os chamados especialistas, identifico na matéria a que acredito ser a principal representação social da homossexualidade: a de uma identidade fixa.

Mesmo trazendo cenas em que o personagem da novela aparece manifestando dúvidas quanto à sua identidade sexual, a reportagem em nenhum momento traz argumentos que possam indicar tais questionamentos como algo verossímil. O viés que norteia a construção desta matéria é fundado na fixidez nas identidades e, principalmente, traz a identidade heterossexual como o centro, a partir do qual as demais se situam em desvio. Não há uma problematização efetiva, um enfoque a partir de um processo; ou se é gay, e isso implica em ser desviante, ou se é heterossexual. Não se cogita, em nenhum momento, uma alternativa fora de um sistema binário, uma fluidez de opção.

4. Considerações Finais

A reflexão proposta neste artigo problematiza, ainda que sucintamente, as transformações das representações sociais sobre a homossexualidade no contexto brasileiro, em especial no âmbito do jornalismo, uma das principais instâncias onde se produzem e reproduzem valores culturais que incidem na normatização social. Não há como negar a evolução social no que tange às compreensões sobre a homossexualidade. Cada vez mais o tema vem sendo posto em debate na mídia e as formas pelas quais esta visibilidade ocorre vêm sendo feitas menos pelo caminho do estereótipo, e mais por abordagens que dão conta da existência real e social desta identidade. Entretanto, ainda é possível perceber que as noções de desvio, anormalidade e até patologia que cercaram a homossexualidade estão presentes nas representações sociais desta, baseadas em concepções hegemônicas de gênero,

sexualidade e no sistema binário e restritivo característico do pensamento ocidental legitimado.

Ensejo destacar alguns elementos ainda reproduzidos na mídia, e no jornalismo em particular, que indicam a influência de paradigmas iluministas, não contemplando a diversidade, fluidez e até mesmo as contradições das formas de ser e viver (seja a sexualidade, os papéis de gênero ou as relações afetivas) e se transformar dos comportamentos humanos. Entendo essas posturas como restritivas, por não darem conta dos processos humanos que incluem a percepção da sexualidade como em permanente processo, sem ponto de partida ou chegada. Elas limitam as percepções do sujeito em relação a si e aos outros, resultando em estigmas e sentimentos de desconformidade que, em última instância, redundam em exclusão e desigualdades.

Para uma real transformação das desigualdades, creio ser necessário trazer à tona na mídia outros conhecimentos que ajudem a desestabilizar as verdades prevalentes de se pensar os sujeitos e os comportamentos sociais. Problematizar as naturalizações, os sentidos, os discursos e os saberes proeminentes que incidem em representações sociais pode ser um caminho no campo da Comunicação. Acredito que, desta forma, se possa promover ações que política e cientificamente empreendam a compreensão do partilhamento de sentidos e valores numa perspectiva que contemple mais do que os sistemas binários e fixos que estão a orientar e hierarquizar nossa sociedade.

5. REFERÊNCIAS

BONETTI, Alinne. Sermerssuaqs cariocas? Convenções de gênero entre adolescentes negras cariocas. 2008. No prelo.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003a.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: Comunicação, representação e práticas sociais. PEREIRA, Miguel; CORDEIRO, Renato; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain (Org). Rio de Janeiro:ED. PUC- Rio; Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana (org). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 41-52

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte:Autêntica, 2004.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana (org). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 9 – 27

SOBRINHO, Moisés Domigos. “Habitus” e representações sociais: questões para o estudo de identidades coletivas. In: MOREIRA, Antonia silva e OLIVEIRA, Cristina de (Org). Estudos interdisciplinares de representação social. Goiânia: AB, 2000.

TRAQUINA, Nelson. O estudo do Jornalismo no século XX. São Leopoldo: Unisinos, 2001

<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL943037-15605,00.html> acessado em 10/01/2009.